



A utilização de mídias sociais na educação a distância: possibilidades e desafios

The use of social media in distance education: possibilities and challenges

Autores¹

Resumo: Este artigo discute o uso das mídias sociais na Educação a Distância (EaD), considerando suas possibilidades de construção e desafios. Parte de duas premissas: construção social do conhecimento, na concepção de Lev Vygotsky (1991) e educação voltada para a cidadania, na discussão proposta por Paulo Freire (1992, 1996, 2006), com o objetivo de analisar se, com o uso dessas interfaces, é possível alcançá-las. Em um primeiro momento, o artigo aborda os referenciais teóricos em que o estudo se alicerça, seguido pela apresentação da EaD, das mídias sociais e do encontro entre ambas. A partir das apresentações, analisa essas interfaces como espaços complementares para a EaD, abordando questões como interatividade, tempo e espaço, pluralidade de fontes de informação, multimídia, horizontalização da produção de conteúdos e construção da autonomia do aluno. Ao final, conclui-se que as mídias sociais podem ser importantes aliadas nos processos de construção social do conhecimento e de cidadania, desde que desenvolvidas com esses propósitos.

Palavras-chave: Mídias Sociais. Educação a Distância. Construção do conhecimento.

Abstract: This article discusses the use of social media in Distance Education (E-learning), considering its construction possibilities and limitations. It's based on two premises: social construction of knowledge, in Lev Vygotsky's conception (1991) and education focused on citizenship, in the discussion proposed by Paulo Freire (2006), in order to analyze whether with the use of these interfaces, it is possible to achieve them. At first, the article addresses the theoretical frameworks on which the study is based, followed by the presentation of distance education, social media and the meeting between them. From the presentations, it analyzes

¹ Dostoiowski Mariatt de Oliveira Champagnatte. Cineasta. Pós-doutor em Comunicação pela UERJ. Doutor em Educação pela UERJ. Mestre em Educação pela UNESA. Graduação em Pedagogia pela Alfamérica. Graduação em Comunicação Social - Cinema pela UFF. Mestrado em Desenvolvimento Regional - Centro Universitário Alves Faria e Mestrado em Educação da Faculdade de Inhumas.

Penélope Thaís da Cunha Toledo. Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense - UFF, especialista em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais pela Estácio de Sá e graduada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela UFF. Assessora de Comunicação Social do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde - INCQS, da Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. Email: penelope.toledo@incqs.fiocruz.br.



these interfaces as a complementary space for distance education, addressing issues such as interactivity, time and space, plurality of information sources, multimedia, production horizontal content and construction of student autonomy. In the end, it is concluded that social media can be important allies in the social knowledge construction and citizenship processes, as long as they are developed for these purposes.

Keywords: Social Media. Distance Education. Virtual education.

Introdução

Este artigo debate a aplicação das mídias sociais na Educação a Distância com vistas à construção social do conhecimento e ao saber como instrumento de cidadania. A primeira premissa parte da concepção de Lev Vygotsky de que a aprendizagem resulta das relações colaborativas mediadas pelo professor, cujo papel é sistematizar as informações e provocar a reflexão (VYGOTSKY, 1991). Já a ideia de educação para a cidadania vem das obras de Paulo Freire, que trabalha o processo educacional não apenas como aquisição de informações, mas sua apropriação e reorganização pelo aluno, reflexão crítica do conteúdo, compreensão e explicação da realidade (FREIRE, 2006, p. 52).

O objetivo principal do estudo é analisar se a ausência do contato físico no processo de ensino-aprendizagem é capaz de proporcionar uma construção coletiva e emancipatória do conhecimento, e em caso afirmativo, de que forma isso pode acontecer. Também visa conhecer como estas interfaces e a EaD se relacionam. Busca-se, ainda, compreender quais são as principais características e limitações das mídias sociais que fazem com que estejam sendo um espaço complementar de educação, bem como as suas possibilidades de construção.

Trata-se de um artigo explicativo, que parte da abordagem qualitativa de uma pesquisa de natureza básica, associando os procedimentos bibliográfico e documental com a observação das ações de EaD nas mídias sociais. O método utilizado é o hipotético-dedutivo.

Para embasar as informações e análises seguintes, o artigo se inicia com a discussão teórica e conceitual da premissa de construção social do



conhecimento. Neste item são trazidas questões tais quais: como se dá a construção coletiva na sala de aula, envolvendo aspectos como diálogo, problematizações, defesa de pontos de vista, acesso a opiniões diferentes e reflexão conjunta; processo multidirecional da educação e negociação de sentidos segundo as experiências e vivências de cada aluno; importância da socialização para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo do indivíduo, sem os quais não existe o processo de aprendizagem; e a ciência como instrumento de transformação social, explicando a realidade e possibilitando intervir sobre ela para melhorá-la (FREIRE, 2006, 1992).

Ainda para alicerçar a discussão seguinte, é feita a discussão teórica e conceitual da educação voltada para a cidadania, a segunda premissa deste artigo. Neste item são trazidas questões tais quais: associação dos conteúdos soltos com a realidade concreta na qual se gera; conceito de “educação bancária”, de Paulo Freire (1983), em que o conhecimento vem de cima para baixo e sem a possibilidade de troca ou questionamento; dimensão ideológica da educação para a manutenção da hegemonia, no sentido gramsciano de dominação (1978), e para a prática emancipatória.

Como tais conceitos são discutidos no artigo à luz da relação entre a Educação a Distância e as mídias sociais, também estes dois elementos são abordados na sequência, primeiro isoladamente e depois, em sua interseção. Sobre a EaD, o estudo traz a sua definição segundo o Ministério da Educação no Decreto 5.622/2005², que regulamenta o ensino à distância; sua criação para amenizar a evasão escolar, a falta de escolas em alguns locais ou a dificuldade de tempo de pessoas; seu histórico no país e no mundo; e o marco legal desta modalidade de ensino estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394.

Já com relação às mídias sociais, definidas como páginas interativas de construção colaborativa e horizontal (por qualquer pessoa) dos conteúdos (TELLES, 2010)³, o artigo versa sobre seu histórico, a partir da década de 90;

² O Decreto 5.622, de 19.12.2005, revoga o Decreto 2.494/98, que regulamenta o Art. 80 da Lei 9.394/96 (LDB).

³ Embora sejam comumente usados como sinônimos, os termos “redes sociais” e “mídias sociais” não designam a mesma coisa, pois as redes são apenas os sites de relacionamento (Facebook, Twitter; LinkedIn,



novo cenário comunicacional que se inaugurou desde então; estatísticas sobre a presença das pessoas em cada uma das principais destas interfaces (Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter e YouTube) e busca explicar os porquês de sua popularidade.

Discutidos os dois elementos separadamente, o artigo trata do encontro entre ambos, abrangendo as mídias sociais criadas pelos programas de ensino e as pessoas dos próprios estudantes; possibilidades de relação entre discente-docente-discente, docente-discente e discente-discente; laços que se criam e ultrapassam as fronteiras institucionais; e sentido de pertencimento.

Também trata das possibilidades e limitações do uso nas mídias na EaD, com um denso debate sobre a interatividade sem a presença física e em tempos diferentes, em que pessoas interagem entre si de forma assíncrona e separadas espacialmente; pluralidade de fontes de informação, já que a internet disponibiliza um grande volume de conteúdos variados; multimídia, reunindo na mesma plataforma conteúdos de natureza distinta, como vídeos, áudios, fotos, animações, gifs, imagens artísticas, infográficos, slides, jogos, textos escritos etc; horizontalização da produção de conteúdos, de forma que todos possam ser simultaneamente produtores e consumidores de informação (TELLES, 2010, p.7) e construção da autonomia do estudante.

Por fim, relaciona os conceitos teóricos sobre a construção social do conhecimento e a educação para a cidadania com as tendências indicadas na análise de possibilidades e riscos da aplicação das mídias sociais na EaD, apontando caminhos e desafios acerca do tema.

1. A educação como processo de emancipação e transformação social

1.1. Conhecimento socialmente construído

Instagram etc), enquanto mídias abrangem todas as páginas de compartilhamento de conteúdo, interação e publicação por qualquer pessoa (TELLES, 2010, p.7), como fóruns; *blogs*; wikis; sites de acompanhamento de vídeos, de compartilhamento de apresentações e de fotos; agregadores; *podcasts*; *bookmarks*; *lifestreams*; etc.



O ser humano tem uma mente social e suas relações de interação, com o professor e com os colegas, são imprescindíveis no processo de assimilação e interiorização do conhecimento (VYGOTSKY, 1991). O aprendizado se torna mais efetivo e completo na medida em que os estudantes dialogam, problematizam as informações em grupo, defendem seus pontos de vista e têm acesso a outros pensamentos e percepções, refletem coletivamente para encontrar solução aos problemas levantados.

Para Vygotsky e Freire, o aprendizado não é a adoção passiva de informações, mas uma negociação de sentidos que parte dos elementos externos dados e leva às suas próprias opções, segundo suas vivências e experiências. Não vem de cima para baixo e sim é uma troca multidirecional em que todos participam ativamente, aprendem e ensinam, cabendo ao professor, portanto, não transferir o saber, mas criar as possibilidades para que os alunos o construam.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (...). O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (FREIRE, 1981, p.79).

Ainda acordo com os autores, a socialização também contribui para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo do indivíduo, sem os quais não se é possível a construção do conhecimento. A educação deve enxergar o indivíduo integralmente, envolvendo aspectos como percepção de si e do outro, afetividade, pertencimento, direitos e deveres.

A educação como ato coletivo e solidário é fundamental também para a ciência como instrumento de transformação social, conforme proposto por Freire (2009). Os docentes precisam estar prontos para serem desafiados, para fazer os discentes pensarem, refletirem criticamente sobre a realidade e utilizarem seus conhecimentos para o bem comum, o que não se efetiva isoladamente.

1.2 Educação para a cidadania



O processo de construção do conhecimento implica o envolvimento do aluno, que precisa ver sentido no que aprende. Mais do que conteúdos específicos soltos e sem aplicabilidade, as informações necessitam estar associadas com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide para melhor compreendê-la, explicá-la e, mesmo, transformá-la.

Freire (1983, p. 66) critica o que chama de “educação bancária”, baseada em uma relação vertical e não dialógica, isto é, unilateral, em que o professor deteria o monopólio do saber e o transmitiria como uma espécie de “doação”. Este modelo de ensino-aprendizagem julga que o aluno seja ignorante e nada saiba, ignorando seus conhecimentos prévios sobre os quais se constrói todo o processo de aprendizado. Além disto, entende o conhecimento como algo pronto e acabado a ser depositado na mente do outro, sem qualquer possibilidade de troca ou questionamento.

Este tipo de educação alienada contribui para a criação de cidadãos submissos e sem senso crítico, mais suscetíveis a aceitarem e reproduzirem as ideias hegemônicas. Hegemonia é aqui entendida no sentido gramsciano (1978, p.52) de dominação que se utiliza do estabelecimento de consensos sociais aparentemente neutros e de interesse geral para exercer o seu poder não pela força, mas com o consentimento de quem é dominado, o que é possível por meio da direção cultural, ideológica e política da sociedade.

Se por um lado a dimensão ideológica da educação é utilizada para a manutenção e legitimação da hegemonia, por outro, pode ser trabalhada no sentido de desestabilizá-la, apontando-lhe as contradições e os interesses de dominação, ajudando o oprimido a perceber a sua própria opressão e a dar nome aos opressores, articulando objetivos e ações emancipatórias que lhe ajudem a superar sua situação econômico-social.

A conscientização é um projeto irrealizável pela direita, que, por sua natureza, não pode ser utópica. Não há conscientização popular sem uma radical denúncia das estruturas de dominação e sem o anúncio de uma nova realidade a ser criada em função dos interesses das classes sociais hoje dominadas (FREIRE, 1981, p. 81).



Além disso, o processo de ensino-aprendizagem precisa ser contínuo e é importante que o docente estimule a curiosidade de seus alunos para que fora da sala de aula continuem a olhar ao redor identificando problemas e buscando soluções, e indagando as verdades que lhes são postas, bem como suas próprias verdades.

1.3 Educação a Distância (EaD)

Educação a Distância no Brasil, segundo a definição do Ministério da Educação, caracteriza-se como:

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.⁴

Surgiu nos moldes atuais para amenizar os problemas de evasão e abandono escolar, inexistência de ensino em algumas cidades e impossibilidade de pessoas estarem no local físico da sala de aula, apresentando-se como uma alternativa de acesso ao conhecimento. Vale destacar que de acordo com a Comissão de Educação do Congresso Nacional, cerca de 2 milhões de crianças e adolescentes estão fora da escola e segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018 havia 11,3 milhões analfabetos com mais de 15 anos no Brasil.

A evolução da Educação a Distância se divide em três gerações: I. cursos por correspondência, por meio de jornais e materiais didáticos impressos, na Inglaterra no fim do século XIX e no Brasil a partir de 1904; II. EaD ministrada pelo uso de mídias de comunicação como rádio, programas educacionais de televisão e telecursos, fitas de áudio, conferências por telefone etc, no século XX e III. geração caracterizada pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TORRES; FIALHO, 2009).

⁴ Esta definição está presente no Decreto 5.622, de 19.12.2005 (que revoga o Decreto 2.494/98), que regulamenta o Art. 80 da Lei 9.394/96 (LDB).



O marco no país foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394, em 1996, que dentre outras coisas, estabeleceu oficialmente a EaD. Segundo a legislação, as aulas ministradas a distância, mas esta modalidade é composta também por momentos presenciais, como a aula inaugural, algumas provas e pólos físicos de apoio com a presença de tutores.

2. Mídias sociais e EaD

2. 1. As mídias sociais

Um dos primeiros a conceituar mídias sociais, Telles (2010) as define como páginas de construção colaborativa, com compartilhamento de conteúdo, interação e publicação por qualquer pessoa.

Embora não haja uma data precisa para o surgimento, seus primeiros traços datam do início da década de 90, com o lançamento do GeoCities, serviço para que as pessoas pudessem criar suas próprias páginas na web. Já as redes sociais vieram pouco depois, quando o site SixDegrees.com desenvolveu uma plataforma em que o usuário poderia criar seu perfil e sua lista de amigos, em 1997.

Para se compreender a sua popularidade no país, de acordo com dados estatísticos, da população total de 209 milhões de brasileiros, cerca de 130 milhões estão no Facebook, 120 milhões do WhatsApp, 69 milhões do Instagram, 41 milhões no Twitter e 98 milhões no YouTube.

Grande parte do sucesso das mídias e redes sociais pode ser atribuído à sociabilidade humana, que leva as pessoas a buscarem se associar umas às outras segundo critérios de afetividade, afinidades ou interesses comuns. Também à oportunidade de quebrar o monopólio que poucos tinham de produzir conteúdos e fazê-los circular.

2.2. Aplicação das mídias sociais na EaD



Com o advento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), os programas de aprendizagem criaram seus ambientes virtuais de ensino, que agregam salas de aula virtuais, módulos, avaliações, materiais didáticos e informativos, chats de esclarecimento de dúvidas, comunidades de docentes e discentes, e o acompanhamento do processo de aprendizagem e progresso do aluno pelo professor.

As mídias sociais, por fazerem parte do cotidiano da maioria dos estudantes e professores, também foram acrescidas, formal e informalmente, ao processo de ensino-aprendizagem, seja por meio de redes sociais próprias dos programas de ensino ou as redes pessoais dos estudantes, sobretudo as mais populares, como WhatsApp e Facebook.

Essencialmente interativas, as mídias sociais têm ampliado as possibilidades de relação entre discente-docente-discente (vídeos-aulas, vídeos-conferências, disponibilização de conteúdos didáticos), docente-discente (esclarecimento de dúvidas, acompanhamento da evolução do estudante, elaboração de conteúdo conjunto) e discente-discente (compartilhamento de conteúdos de enriquecimento curricular, fóruns de debates e trocas de opiniões, wikis e outras atividades práticas de construção coletiva).

Além disso, nestas interfaces é possível se tornar “amigo”, “seguidor” ou mesmo conhecer parte da intimidade dos professores e colegas, ultrapassando fronteiras institucionais, socioculturais e de níveis de escolaridade, e proporcionando laços sociais com base em valores comuns e conveniências (MORAES, 2001, p.75), bem como o sentimento de pertencimento a um grupo.

Numa comunidade virtual há um sentido de pertencimento e de um projeto em comum propiciados pela comunicação que os sujeitos desenvolvem neste espaço. Os fluxos informacionais comunicacionais, das mensagens compartilhadas, as atividades e discussões originam o vínculo social de determinado grupo. (SARTORI; ROESLE, 2003, p. 4)

3. Mídias sociais como espaço complementar para a EaD: possibilidades e limitações



3.1. Interatividade sem a presença física

A EaD visa incluir estudantes que não podem estar fisicamente na sala aula, entretanto, a socialização é fundamental para a construção do conhecimento, conforme já elencado. As mídias sociais viabilizam a interação sem que as pessoas precisem ficar “presas a um lugar ou tempo em particular” (MORAES, 2001, p.128), possibilitando troca de informações e opiniões, colaboração e construções coletivas a distância, situação que se amplia com o uso dos dispositivos móveis portáteis, isto é, computadores que podem ser transportados a qualquer lugar, como smartphone, telefone celular, notebook, netbook, laptop etc.

A interação virtual, porém, tem limitações, devido à ausência das linguagens corporal e facial, entonação da voz, gestos, olhar. Isso, além de tornar incompleta a comunicação, pode ser “um acelerador das divergências de interpretação, simplesmente porque se havia esquecido a heterogeneidade dos receptores” (WOLTON, 2003, p.22). Também há os riscos da superexposição e da perda da privacidade, pois a hipervisibilidade torna as intimidades públicas e acaba sendo um convite para que outros venham “bisbilhotar” a vida pessoal de terceiros.

3.2. Interatividade em tempos diferentes

A não linearidade temporal das mídias sociais possibilita que pessoas interajam entre si tanto de modo síncrono, como em webconferências e chats, quanto de modo assíncrono, como fóruns e listas de discussão, cada qual segundo suas próprias disponibilidades de tempo, ampliando as oportunidades de sociabilização.

Os problemas do tempo sem relação com o tempo histórico (VIRILIO, 2000, p.13) são, por um lado, a demora nas respostas, o que pode fazer com que o tema se perca nas conversas e que informações equivocadas sejam assimiladas devido à lentidão da correção. Por outro, a hipervelocidade das respostas, invadindo o tempo livre com a onipresença da informação e



acelerando um processo que requer tempo para ser compreendido, analisado, ter seu sentido negociado, ser internalizado.

3.3. Pluralidade de fontes de informação

A educação na internet facilita a consulta de outras fontes de informação além do material didático de aula, que podem ser compartilhadas e replicadas por meio das mídias sociais, formando uma rede colaborativa de partilha da memória, percepção e conteúdos complementares aos temas abordados, que “resulta na aprendizagem coletiva, na troca de conhecimentos” (LÉVY, 1999).

Além disto, não beneficiam pensamentos únicos, oferecendo diferentes enfoques e pontos de vista contra-hegemônicos que podem ser utilizados pelos estudantes para compreensão e explicação da realidade, bem como para intervirem e se engajarem na transformação social.

A quantidade de informações disponíveis, porém, não é necessariamente sinônimo de qualidade. Além do excesso gerar confusão e perda do foco no estudo, muitos conteúdos virtuais não foram devidamente checados, são superficiais ou estão errados, fazendo com que se aprenda errado ou haja desconfiança quanto à confiabilidade das fontes.

Não é suficiente que os homens troquem muitas informações para que se compreendam melhor. São os planos culturais e sociais de interpretação das informações que contam, não o volume ou a diversidade dessas informações. O uso não faz a economia do projeto. O tempo ganho no acesso à informação pode ser novamente perdido na dificuldade de interpretar essa informação (WOLTON, 2004, p.150).

3.4. Informações em diversos formatos

Um dos principais desafios do professor é atrair a atenção dos alunos, o que requer um esforço criador e recriador, sobretudo no espaço frio da internet. Quanto mais diversificado e criativo for o processo de ensino-aprendizagem, mais dinâmico. Neste sentido, a *multimídia* das mídias sociais pode somar.



Multimídia é a característica de reunir na mesma plataforma conteúdos de natureza distinta, como vídeos, áudios, fotos, animações, gifs, imagens artísticas, infográficos, slides, jogos, textos escritos etc.

A forma de veiculação do conteúdo, entretanto, não pode ser mais importante do que a informação em si, com materiais criativos, mas superficiais. Também precisa haver usabilidade e acessibilidade, que são, respectivamente, o grau de facilidade de uso para quem ainda não seja familiarizado com a plataforma e a preocupação com a diversidade dos usuário, levando em conta suas preferências, restrições técnicas do equipamento usado e necessidades educativas especiais, como deficiências e limitações do corpo.

3.5. Possibilidade de produção de conteúdos

Em um processo educacional, todos ensinam e todos aprendem, então é importante valorizar os conhecimentos prévios do estudante, instigá-lo a se aprofundar nos seus temas de interesse e aplicá-los em atividades práticas. As mídias sociais facilitam este processo por serem horizontais e permitirem que todos sejam, simultaneamente, produtores e consumidores de informação, assim, os conceitos teóricos podem ser aplicados na produção de blogs, jornais online, wikis etc.

Deve haver cuidado com o conteúdo produzido, pois nestas mídias o impacto é imediato, sendo difícil desfazer o estrago posteriormente. Mesmo que seja retirada do ar, a publicação pode ter sido visualizada e multiplicada por meio de encaminhamentos, prints e outras formas de replicação, correndo pela rede (RECUERO, 2006, pp. 8 - 9).

3.6. Construção da autonomia

O texto online é constituído por links e hiperlinks, que são palavras sublinhadas que, quando clicadas, remetem a uma outra página sobre o assunto requerido, promovendo uma associação automática entre diferentes fontes de



informação. Desta forma, o estudante tem a alternativa de saltar de uma página a outra, construindo o seu próprio caminho, segundo seus interesses, sem uma sequência de leitura pré-definida. Assim, a tela do computador não se resume a um espaço de irradiação e sim de adentramento e a manipulação do conhecimento, com janelas móveis e abertas a múltiplas conexões e intervenções (SILVA, 2001, p.12).

A autonomia na escolha de seu trajeto dentro do conhecimento pode evoluir para a busca por novos conhecimentos como atividade permanente, não como uma determinação imposta por professores, mas pelo prazer em conhecer, compreender e se apropriar dos conhecimentos.

Conclusão

As mídias sociais podem ser importantes aliadas da Educação a Distância nos processos de construção social do conhecimento e de ensino voltado à cidadania dentro das ideias formuladas por Vygotsky e Paulo Freire, ajudando na inclusão social e na democratização do acesso ao conhecimento.

Sua adoção precisa ser estrategicamente planejada, acompanhada, mensurada e readaptada, quando preciso. Também é importante estar embasada no conhecimento científico e consciente das potencialidades e limitações desta interface, com plena clareza de que não substituem os canais físicos e o contato pessoal, mas sim se somam, multiplicando as possibilidades do processo de ensino-aprendizagem.

O professor continua sendo imprescindível para explicar os conteúdos, orientar o estudo, esclarecer dúvidas, estimular a curiosidade e a reflexão crítica, mediar os elos de sociabilização entre os estudantes, colaborar no empoderamento, proporcionar caminhos para a construção do conhecimento.

No processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido apreendido a situações existenciais concretas (FREIRE, 1983, p. 16)



E o mais importante: para que a educação seja efetivamente emancipatória e transformadora, o educador e o educando precisam pactuar entre si, tácita ou até declaradamente, este propósito. Não basta que a interatividade aconteça, que as fontes de informação e os conteúdos estejam disponíveis, que o aluno tenha a oportunidade de colocá-los em prática ou que trace seu próprio itinerário se não houver uma escolha deliberada e ousada de transformar o saber em instrumento de melhoria social.

Referências bibliográficas:

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro - RJ: Paz e Terra. 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 9 ed., Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981, 1983.

GRAMSCI, A. **Cartas do cárcere**. Tradução de Noênio Spínola. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAES, D. **O concreto e o virtual**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.

RECUERO, R. C. **Dinâmicas de redes sociais no Orkut e capital social**. 2006.
SARTORI, A. S.; ROESLER, J. **Comunidades virtuais de aprendizagem: espaços de desenvolvimento de socialidades, comunicação e cultura**. Artigo apresentado no II Simpósio “E-agor@, professor? Para onde vamos?”, Comfil-PUC-SP, 2003.



SILVA, M.. **Sala de aula interativa: a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: Campo Grande-MS, 2001.

TELLES, A. **A revolução das mídias sociais.** São Paulo: M.Books, 2010.

TORRES, P.; FIALHO, F. “Educação a distância: passado, presente e futuro”. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Manuel M. M. (orgs.). **Educação a distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

VIRILIO, P. **Cibermundo: a política do pior.** Lisboa: Teorema, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WOLTON, D. **A Globalização da informação.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre - RS: nº20, p.21-25, abr. 2003.

_____. “Pensar a Internet”. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário.** Porto Alegre - RS: Sulina, 2004.